V. A CONFERÊNCIA DE 1920 E O APELO DE LAMBETH

A Primeira Guerra Mundial retardou a convocação da sexta Conferência de Lambeth. Essa conferência se reuniu em 1920, no início de uma época marcada por condições sociais e religiosas totalmente novas. Um novo vento soprava tanto nas Igrejas cristãs quanto na vida dos povos e Estados. Um grande esforço foi feito, logo após a Primeira Guerra Mundial, para promover a fraternidade entre os povos e estabelecer uma paz duradoura, fundamentada no direito internacional. Esse esforço foi apoiado pelas Igrejas por meio da “Aliança Universal para a Amizade Internacional das Igrejas”. (Essa Aliança entrou, em Amsterdã em 1948, no Conselho Ecumênico das Igrejas, assim como o Conselho Internacional das Missões em 1961).

O ano de 1920 viu serem implementados os primeiros preparativos que deveriam inaugurar o nascimento definitivo do movimento ecumênico com a convocação de conferências internacionais, a conferência *Life and Work* em Estocolmo em 1925 e a conferência *Faith and Order* em Lausanne em 1927. O movimento ecumênico estava, assim, realmente em andamento.

Ao olharmos para o período entre as duas guerras mundiais, temos a impressão de que só conseguimos vislumbrar um primeiro começo, uma primeira tentativa de orientação, um prelúdio provisório à transformação profunda da qual participamos hoje em todos os domínios, particularmente no da vida religiosa e eclesiástica. Na história do movimento ecumênico, o ano de 1920 representa apenas um início, mas um início que teria consequências de grande alcance.

Parece que uma segunda guerra mundial foi necessária para sacudir as Igrejas e os povos e fazê-los compreender que um retorno à época anterior à guerra estava excluído, que a construção de um futuro, em muitos aspectos totalmente novo, era uma necessidade. A terceira assembleia do Conselho Ecumênico das Igrejas em Nova Délhi provou, de maneira evidente, que a concepção ecumênica ganhou quase todas as Igrejas. **Esse desenvolvimento do ecumenismo suscita nossa estima e admiração** pela iniciativa que foi tomada em 1920 pela Comunhão anglicana, quando lançou o Apelo de Lambeth a todos os cristãos sem distinção. (Esse apelo será objeto de um capítulo distinto.)

A Igreja de Roma não foi mencionada uma única vez, nem na encíclica, nem nas 80 resoluções adotadas pela Conferência de 1920. No entanto, no relatório da comissão ecumênica, a terceira parte, que trata da atitude em relação à união com as Igrejas episcopais, começa com uma declaração sobre a "Comunhão latina":

> *Sua comissão é da opinião que é impossível estabelecer um relatório sobre a união entre as Igrejas episcopais sem mencionar a Igreja de Roma, mesmo que nenhuma resolução deva ser proposta a seu respeito. Não podemos fazer melhor do que retomar para nós os termos do relatório de 1908, que nos lembra que "nenhum projeto de união poderá jamais cumprir o desígnio divino se não incluir, em última análise, a grande Igreja latina do Ocidente, à qual nossa história foi intimamente entrelaçada no passado, e à qual ainda está unida por muitos pontos de fé e tradição". Mas nos damos conta de que "toda avance nesse sentido nos é, por enquanto, interditada pelas dificuldades que não criamos nós mesmos e que não podemos dissipar por nós mesmos". Se algum dia a Igreja de Roma manifestar o desejo de discutir as condições de uma reunião, estaremos prontos para acolher favoravelmente tais discussões. Queremos ainda chamar brevemente a atenção para os movimentos que ocorrem na Igreja de Roma e que podem dar frutos no futuro*[55].

O relatório menciona uma série de fatos no plano das relações humanas, dos quais se conclui que uma mudança favorável está ocorrendo em muitos católicos romanos em sua atitude, apreciação e estima em relação aos cristãos não romanos. Os contactos que remontam aos anos da guerra parecem ter contribuído amplamente para "um melhor conhecimento e uma melhor compreensão das posições recíprocas". A exposição chega à seguinte conclusão:

É claro que nenhum passo adiante pode ser dado atualmente; mas os fatos assinalados acima podem contribuir para criar no futuro uma situação totalmente diferente[56].

Essa citação fala por si mesma. A Comunhão anglicana inclui a Igreja de Roma em sua reflexão e em seus esforços ecumênicos. Ela mantém intencionalmente a porta aberta nesse sentido. Acompanha com interesse o que ocorre dentro da Igreja de Roma. Ela espera poder em breve vislumbrar sinais que tornem possível a abertura de relações oficiosas, ou mesmo oficiais. Ela permanece constantemente atenta a qualquer sinal favorável vindo de Roma, pronta para saudá-lo imediatamente com alegria.

---

[55] «Seu Comitê sente que é impossível fazer qualquer Relatório sobre a Reunião com Igrejas Episcopais sem alguma referência à Igreja de Roma, mesmo que não tenha resolução a propor sobre o assunto. Não podemos fazer melhor do que adotar as palavras do Relatório de 1908, que nos lembra do "fato de que não pode haver cumprimento do propósito divino em qualquer esquema de reunião que não inclua, em última análise, a grande Igreja Latina do Ocidente, com a qual nossa história esteve tão intimamente associada no passado, e à qual ainda estamos ligados por muitos laços de fé e tradição comuns". Mas nos damos conta de que - para continuar a citação - "qualquer avanço nessa direção está atualmente barrado por dificuldades que não criamos e que não podemos remover por nós mesmos". No entanto, se a Igreja de Roma em algum momento desejar discutir condições de reunião, estaremos prontos a acolher tais discussões. Além disso, desejamos indicar muito brevemente que estão ocorrendo movimentos na Igreja de Roma que podem ser frutíferos no futuro...» (*A Conferência de Lambeth de 1920*, p. 144).

[56] «É óbvio que nenhum passo adiante pode ser dado ainda; mas os fatos assim referidos podem ajudar a criar, no futuro, uma posição muito diferente» (Ibid., p. 144).

Revision #4
Created 23 August 2024 19:27:18 by Admin
Updated 23 August 2024 20:30:59 by Admin